A HERÁLDICA NA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Nº 62

Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

A Heráldica na Força Aérea Brasileira

INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA

Rio de Janeiro

2021

FICHA TÉCNICA

A Heráldica na Força Aérea Brasileira

Edição
Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Editor
Maj Brig Ar José Roberto Scheer

Autora
1º Ten QOCon HIS Amanda Martins de Brito

Projeto Gráfico
Seção de Desenvolvimento Gráfico e Computacional

Capa
2S QTA TCO Tiago de Oliveira e Souza

Impressão
Pimore Editora e Distribuidora de Papéis Eireli

Rio de Janeiro

2021

Apresentação

O que é Heráldica? Para que serve? Como surgiu? Qual a sua relação com a Força Aérea Brasileira? Como a utilizamos?

São questões naturais que a curiosidade nos leva a voar na imaginação e a procurar um sentido lógico e palpável para as respostas.

Arte milenar que traz os costumes e tradições dos guerreiros medievais ao seio da nossa Força, identificando organizações, simbolizando cursos, designando as operacionalidades, por meio de símbolos e cores arranjados de tal maneira que traduzem a alma e a personalidade do que quer significar, numa forma muito mais simples do que uma definição ou uma frase.

É a poesia em forma de símbolo.

Como um poema ritimado, ela tem regras:

1ª lei – não se deve sobrepor metal sobre metal, forro sobre forro ou cor sobre cor;

2ª lei – peças honrosas devem ser colocadas nos lugares que lhes competem;

3ª lei – figuras quiméricas ou naturais, quando solitárias, devem ocupar o centro do campo sem tocar em seus bordos... e daí por diante.

Ela também se utiliza das cores, ou melhor, dos esmaltes, que têm significados nobres, numa aquarela de matizes onde uma pincelada pode revelar sabedoria, poder, beleza, tristeza ou fé... e muito mais, quem sabe? Chique não?

Mas, os mistérios continuam.

Arautos, títulos nobiliárquicos, mística, aristocracia, coroa, elmo, flor-de-lis são algumas das expressões, que, apesar de não vistas no cotidiano atual das obras e conversas, são usadas rotineiramente quando se mexe com a Heráldica.

É o universo dos símbolos...a parte... único...muito interessante.

E agora? Mais curioso ainda?

Então, vire a primeira página desta obra e comece a desvendar esse enigma não tão complicado, mas singular, cuja simbologia que está junto de nós, presa no nosso peito, pertinho do coração sob a forma de distintivo, ou à frente da nossa tropa, imponente, brandindo ao vento, no estandarte da nossa organização.

Neste trabalho, a Ciência dos Brasões se faz presente, unindo o tempo dos Cruzados ao voo supersônico da FAB, nas asas da Heráldica.

Maj Brig Ar José Roberto Scheer
Subdiretor de Cultura do INCAER

INSTRUTOR

A HERÁLDICA NA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Amanda Martins de Brito

"A Heráldica!

Eis um mundo ideal. (...) É um mundo onde tudo é nobre, tudo tem uma intenção de beleza moral, tudo tem um sentido superior, tudo é comemoração, emblema, figura, imagem, sinal."[1]

Introdução

A criação de símbolos faz parte da cultura do ser humano. A necessidade de marcar territórios e de identificar o ambiente, no qual a sua autoridade e poder são manifestados, se tornou relevante em vários momentos da trajetória humana. Nos dias de hoje, vivemos rodeados por símbolos que nos representam, nos orientam e nos regem como, por exemplo, o alfabeto, os símbolos matemáticos e religiosos, as placas de trânsito e sinalização, entre muitos outros.

---

1 Guilherme de Almeida, "No mundo dos símbolos". Diário de S.Paulo, apud Ivanei da Silva.

Por muito tempo, o estudo dos símbolos e das imagens, da maneira que será apresentada neste trabalho, foi relegado ao domínio dos estudos da arte. No entanto, a partir da primeira metade do século XX, com a contribuição advinda da Escola dos Annales[2], ocorreu a mudança do paradigma do documento escrito como fonte única de análise pelo historiador[3]. Hoje, símbolos e imagens são considerados como verdadeiros documentos que se revelam, tanto quanto testemunhos escritos, em verdadeiras fontes primárias da ciência histórica (SCHMITT apud BORBA, 2017).

Como ensina REIS (apud BORBA, 2017), foi justamente FEBVRE, um dos fundadores dessa Escola histórica, que propôs o estudo da história a partir de "todos os documentos que são vestígios da passagem do homem. […] Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais..." A mesma metodologia passou a ser seguida pelos historiadores das fases seguintes daquela Escola.

O medievalista LE GOFF (1990, p.7), membro da terceira fase da Escola dos Annales, explica a importância da imagem para a ciência histórica:

> *Junto à história política, à história econômica e social, [...] nasceu uma história das representações. Esta assumiu formas diversas: [...] história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do imaginário, que permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito, sob a condição de respeitar sua especificidade [...]*

Dessa forma, não somente testemunhos escritos ou documentos oficiais são aceitos como fontes históricas, mas qualquer monumento, obra artística ou imagem são instrumentos capazes de expressar determinado aspecto cultural de um período e de um grupo específico. Isso porque, como afirma SCHMITT (*apud* BORBA, 2017):

> *Todas as imagens, em todo o caso, têm a sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos, litúrgicos e mesmo mágicos.*

Dentro dessa proposta de ampliação de fontes históricas relevantes para o trabalho do historiador, destaca-se a importância do estudo da Heráldica, em geral, e da Heráldica na Força Aérea Brasileira (FAB), em específico, para compreender a história da Instituição, a partir dos símbolos que a representam.

---

2 Escola histórica fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, cujo marco inicial é tido como o lançamento da Revista dos Annales, em 1929.
3 BURKE, Peter. A Escola dos Annales. 2ed. São Paulo: Unesp, 1992.

As insígnias e os símbolos são representações de valores militares ao redor dos quais a instituição se congrega, preservando sua memória, retroalimentando-se e renovando-se nas gerações vindouras. As insígnias militares constituem verdadeiros documentos que auxiliam na compreensão dos valores castrenses.

As instituições militares estão inseridas no rol daquelas estruturas que são formadas a partir de indivíduos que se agrupam e se organizam por valores. As suas tradições são documentos da memória militar continuamente transmitidas de uma geração a outra, que contribuem para perpetuar a história da instituição.

O presente trabalho pretende recriar a trajetória da produção Heráldica na FAB e a importância da criação dos símbolos heráldicos como forma de manter a identidade de diferentes grupos. Serão analisadas, inclusive, representações de organizações que já foram desativadas ou extintas, cujos símbolos permanecem vivos na memória de seus componentes. O foco é compreender como a criação desses símbolos, tais como emblemas, estandartes, bolachas, distintivos de cursos, entre outros, que trazem consigo um pouco da história de cada grupo, foi realizada e modificada ao longo dos 78 anos de existência da FAB.

Não se pretende realizar a análise individual de cada símbolo, relacionando-o com a história de determinada unidade, pois como todas as organizações militares da FAB possuem símbolos heráldicos, este seria um trabalho de grande vulto e de análise que ainda poderá ser explorado. No entanto, será necessário analisar alguns símbolos mais representativos para exemplificar os temas que serão tratados.

Para realizar a interpretação dos símbolos heráldicos como fonte de pesquisa, é necessário que se tenha em mente a sua historicidade, ou seja, o contexto no qual eles estão inseridos. Dessa forma, será necessário verificar, de maneira interdisciplinar, alguns conceitos do campo da ciência Heráldica. O objetivo é entender como esses símbolos podem servir como fontes históricas.

Vale destacar que o uso de conceitos provenientes das mais diversas disciplinas é elemento usual no desenvolvimento da pesquisa histórica. Uma das principais contribuições apresentadas pelos *Annales* foi a interdisciplinaridade. Segundo FEBVRE (*apud* BURKE, 1992), o historiador deve, necessariamente, interagir com outros campos do conhecimento. A relevância da interdisciplinaridade continua a ser defendida por historiadores atuais, como BURKE (*apud* BORBA, 2017): "A história cultural não é monopólio de historiadores. É multidisciplinar, bem como interdisciplinar; em outras palavras, começa em diferentes lugares [...]."

Assim, constitui-se ofício do historiador identificar quais campos e discipli-

nas são úteis ao conhecimento histórico e manejar eventuais conceitos externos para a elucidação da problemática proposta, adaptando-os, sempre, ao método da ciência histórica (BLOCH, 2001). A discussão a seguir visa compreender o que é a ciência Heráldica.

Origem

A utilização de símbolos para identificar grupos sociais é muito antiga. Porém, inicialmente, não havia padronização na elaboração e utilização destes símbolos. Populações indígenas e da Antiguidade, como gregos e romanos, além de povos da Idade Média, usavam essas formas ornamentais para se representarem ora pintados na pele, ora em bandeiras, escudos e outros objetos, para se distinguir dos demais. Não é possível precisar quando este hábito começou, mas sabe-se que até o século XIII, aproximadamente, não havia regras claras e científicas quanto ao seu uso. Convencionou-se, então, chamar este período de Pré-heráldico.

Segundo o autor Luiz Marques POLIANO (1986, p. 9):

> *Existindo a diferença entre os homens, surgiram, naturalmente, os meios de exteriorizá-las, de acordo com os povos, suas idades e civilizações. Um desses meios, cuja ocorrência se verificou entre as populações mais adiantadas, é precisamente o brasão ou o escudo de armas.*

A partir do século XIII, na Idade Média, iniciou-se o processo de sistematização dos brasões e graus da nobreza, como forma de diferenciar grupos uns dos outros. Surgiu, assim, a Heráldica, que, segundo Poliano (1986, p, 13) "é a arte e a ciência que determina, produz e estuda os brasões, interpreta as origens e o significado simbólico e social da família, grupo, nação ou instituição". Ainda segundo o autor (1986, p.5):

> *A Heráldica é o conjunto de regras ou preceitos a que se subordinam os escudos de armas em todos os seus aspectos. Por armas se entende a apresentação, em escudo, de peças, figuras e ornamentos constitutivos dos emblemas privativos de um Estado, de uma corporação, de uma família ou de uma autoridade civil, militar ou eclesiástica. Tais elementos – e seu sentido especial e simbólico – se subordinam a uma codificação de uso universal, assim entendida e aplicada em todos os países, com pequenas diferenças entre eles.*

A palavra Heráldica tem sua origem em *Arauto* ou *Hardult*, o homem de confiança do Rei, que atuava principalmente nas guerras, onde recebia várias funções: de tocador de trombeta a cronista. Os arautos eram encarregados de publicar oficialmente os torneios medievais, anunciar em viva voz os nomes e as virtudes dos combaten-

Justas medievais.
Fonte: site RTP ensina.

tes, sendo responsáveis também pela publicação dos resultados das justas.[4] Por isso, é verossímil que o nome destes oficiais proceda da raiz *har,* do antigo alemão *haren,* que significa gritar, chamar.

É inegável a importância dos torneios e justas para a sociedade cavaleiresca medieval. Por isso, logo foram estabelecidos rígidos regulamentos de conduta. Os arautos eram os responsáveis pela solução de possíveis conflitos surgidos da interpretação das regras destes combates, funcionando, assim, como verdadeiros árbitros ou juízes que registravam em pergaminho todas as normas necessárias à realização da atividade dos combates. Assim, a figura do arauto ganhou destaque. Eles se tornaram depositários das regras dos torneios, aos quais se consultava em casos difíceis. Os arautos gozavam de tamanho prestígio que costumavam acompanhar oficialmente os embaixadores às cortes estrangeiras para a solução pacífica de conflitos (POLIANO, 1986).

Como os arautos eram, ao mesmo tempo, peritos em cortesia e linguagem correta, sua profissão foi aumentando de importância. A ciência dos brasões, ou a linguagem dos arautos, resultou, então, por extensão, da profissão daqueles que a ordenaram e praticavam.

A partir das Cruzadas, expedições militares e religiosas realizadas para o Oriente, com o objetivo de reconquistar a Terra Santa, ocorridas a partir do século XI, a sociedade medieval sofreu uma série de modificações e aprimoramentos militares. A formação do homem tornou-se essencialmente guerrei-

4 As justas eram torneios que desempenhavam um importante aspecto da cultura medieval, e seu conceito originário é resumido por FLORI (2012, p.132) como o combate entre dois nobres que, a cavalo, lançavam-se um contra o outro portando lanças.

ra. Até este momento, a indumentária usada na guerra protegia os Cavaleiros de agressões externas. Porém, tiravam as suas identidades, uma vez que o corpo e a cabeça eram cobertos pela armadura e pelo elmo. Com a finalidade de distinguir o indivíduo, foram criados os símbolos e cores, que, inicialmente foram pessoais e, com o tempo, se transformaram em símbolos da família e de grupo.

Cavaleiro Medieval. Fonte: Jornadas.hist

Segundo a autora Vera Lúcia Bottrel TOSTES (1983, p. 17),

> *Com as Cruzadas é que realmente se usou pela primeira vez, e de maneira ordenada, cores e símbolos que serviam para distinguir grupos. Nas duas primeiras, indivíduos de regiões diferentes que tinham costumes e línguas próprias se confundiam nos acampamentos e nos campos de batalha. Com a finalidade de evitar a desordem anterior, durante a terceira Cruzada, o Rei da França, Filipe II, e o da Inglaterra, Henrique II, decidiram que cada grupo se faria representar por cores próprias, facilitando o reconhecimento imediato de cada língua e a comunicação entre os componentes. (...) Dessas primeiras cores pintadas sobre os escudos é que surgiram, com o tempo, as cruzes que caracterizavam as diversas ordens guerreiras monásticas que apareceram neste período, e os demais sinais e atributos que, a partir do século XIII, ficaram sujeitos a regras, após a regulamentação dos Arautos.*

Portanto, foi durante o movimento das Cruzadas que a Heráldica surgiu como a arte que se utiliza de cores e símbolos para representar um indivíduo ou grupo. Assim, pode-se afirmar que a Heráldica pura, que teve seu período áureo durante o feudalismo, veio estabelecer um padrão para uma demanda que nasceu nas guerras: a de identificação e distinção entre as tropas nos campos de batalha.

Com o passar do tempo, foram desenvolvidos armamentos com maior poder de destruição, como as armas de fogo e os canhões. Além do maior poder de destruição dessas novas armas, houve uma mudança de paradigma, as batalhas deixaram de ser, predominantemente, "corpo a corpo". A partir de então, os homens passaram a guerrear sem a necessidade de cobrir o rosto. Dessa forma, as cores e os símbolos

Cruzadas Medievais. Fonte: Projeto Araribá História.

heráldicos perderam seu significado original: a identificação pessoal do combatente. Porém, mantiveram-se como forma de garantir a identidade cultural de cada grupo.

A Heráldica na FAB

Tendo em vista que as origens da Heráldica ocorreram na Idade Média, e que o Brasil não vivenciou este período, muito dos regramentos tradicionais desta ciência não foram plenamente assimilados pela FAB.

O maior trabalho a respeito desse tema é intitulado "Heráldica da Força Aérea Brasileira", produzido em 1980, pelo Ten Cel Av Jorge Longuinho, e entregue como parte da conclusão do Curso de Estado-Maior (CEM), realizado na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR)[5]. Na obra, o autor faz uma análise da produção heráldica na FAB até aquele período, além de sugerir alterações e direcionamentos para o futuro.

Em suas análises, o autor afirma que, inicialmente, não havia regras para a criação dos símbolos heráldicos da Instituição. Com isso, novos símbolos eram criados sem a preocupação em atender às leis da Heráldica, assim como novas interpretações foram dadas aos símbolos existentes. O autor (1980) destaca que:

> *O homem moderno atreveu-se a dar seu toque pessoal toda vez que assumiu a responsabilidade de julgar ou mesmo criar um brasão. Com isso, a criatividade superou o respeito à Heráldica pura e o preço pago pelas gerações futuras é a perda das tradições mais remotas e da história de sua organização.*

5 Atualmente, o curso se denomina Curso de Comando e Estado-Maior (CCEM).

Diante desse cenário, para criar categorias que facilitassem a compreensão e o estudo, os símbolos heráldicos produzidos na FAB foram divididos de acordo com características comuns apresentadas por eles. Vale destacar que essa classificação foi feita a partir de símbolos que serviam para identificar as Organizações Militares e que hoje são chamados de emblemas. A seguir, serão apresentadas e exemplificadas essas categorias.

Primeira categoria

Os primeiros contatos da FAB com a ciência Heráldica ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial. Neste conflito, foram realizados os contatos iniciais do 1º Grupo de Aviação de Caça com a Força Aérea Americana. Como os Esquadrões brasileiros (de Caça e de Reconhecimento) receberam equipamentos dos Aliados, por força da convenção, teriam que utilizar os símbolos americanos nas suas fuselagens, devido ao possível ataque de artilharias antiaéreas.

Na oportunidade, nossos militares foram influenciados pela magia dos escudos coloridos. Eles descobriram que, através da caricatura, podiam descarregar as tensões que os comprimiam, da mesma forma que as tribos indígenas faziam quando usavam as imagens e pinturas nos corpos para afugentar os maus espíritos e os possíveis inimigos.

Marcando o início das experiências da representação através de símbolos na FAB, foram criadas as primeiras bolachas. Elas são símbolos, tradicionalmente, apresentados em formato circular. Em sua produção, quase sempre, são usadas figuras caricaturadas, bem humoradas e espontâneas.

Vale destacar que, mesmo não sendo submetidas às leis da Heráldica, por apresentarem ausência de técnica na sua confecção, não se pode excluir as bolachas do estudo sobre os símbolos da FAB. Além de ser o símbolo mais tradicional da Instituição, elas cumprem, tradicionalmente, sua principal função: representar a identidade de um grupo.

Um dos destaques deste período, que representa o 1º Grupo de Aviação de Caça (1º GAVCA), é o símbolo "Senta a Púa", criado pelo Cap Av Fortunato Câmara de Oliveira, em plena travessia para o cenário da guerra. Na passagem pelo Panamá, os integrantes do grupo brasileiro tomaram contato com a cozinha americana que, segundo se comenta, era de lascar. Comia-se de tudo, inclusive feijão branco com açúcar. Lembraram-se, então, do avestruz, ave que come de tudo, e eles passaram a se chamar de avestruzes. E, para representar um Grupo de Caça que enfrenta os obstáculos e perigos com destemor, nenhum símbolo seria mais adequado do que o avestruz, ave que come até pregos.

Não foi difícil para o Cap Fortunato Câmara de Oliveira, artista que naquele tempo ilustrava algumas revistas milita-

res, com traço da caricatura viva e inteligente, imaginar o avestruz guerreiro do 1º GAVCA. Ele se inspirou na figura alegre e irrequieta do Ten Lima Mendes, ou Limatão, como era conhecido.[6]

A exclamação "Senta a Púa" nasceu na Bahia, criação do 1º Ten Av Firmino Ayres de Araújo, utilizada, inicialmente, para imprimir aceleração aos motoristas nas viagens diárias entre Salvador-Ipitanga. Com o tempo, a expressão foi incorporada ao 1º GAVCA pelo Ten Av Rui Moreira Lima, transformando-se em seu grito de guerra.[7]

O jargão tornou-se comum no dia a dia, durante as instruções e treinamentos, nos bate-papos informais e acabou sendo levado a sério até mesmo nos campos de batalha italianos. "E o 'Senta a Púa' foi ganhando corpo, ganhando força. De repente, ninguém mais no grupo dizia uma frase sem um 'Senta a Púa' como complemento. Nasceu assim, o grito de guerra dos *Jambocks* do 1º GAVCA." (LIMA, 1980, p. 30)

Na Itália, a caricatura do avestruz guerreiro do 1º GAVCA tornou-se reflexo da velocidade e da manobrabilidade dos aviões brasileiros. Com seu boné, representa os pilotos da FAB, empunhando na armadura a robustez do *Thunderbolt*, cujo fundo azul com estrelas simboliza o céu do Brasil com o Cruzeiro do Sul em destaque. Representando o espaço aéreo, o avestruz aparece apoiado em uma nuvem cúmulus. A bolota de fumaça negra e os estilhaços demonstram a pesada artilharia inimiga, em pleno combate antiaéreo. A pistola insinua a potência de fogo do P-47 defendendo os céus. Ao fundo, o vermelho eterniza o sangue derramado pelos pilotos mortos e feridos em combate.[8]

Bolacha do 1º GAVCA "Senta a Púa". Fonte: acervo INCAER.

Descrição heráldica

Escudete circular filetado em jalne (amarelo) e sinopla (verde). O campo do escudete apresenta-se em goles (vermelho), onde visualiza-se ao centro um avestruz estilizado em alaranjado, com o bico e pés em jalne (amarelo). Na cabeça, o avestruz traz um quepe em prata (branco) com aba em sable (preto) e crachá em jalne (amarelo) e blau (azul celeste). Sua penugem é em prata (branco), onde aparecem

6 O encontro dos caçadores. Aerovisão, Brasília, 1987.
7 História Geral da Aeronáutica Brasileira. Vol. 3.
8 40ª comemoração do dia da Aviação de Caça. Aerovisão, Brasília, 12 abr 1985.

cinco estrelas em prata (branco) formando a constelação do Cruzeiro do Sul. O avestruz encontra-se atirando com um revólver estilizado, em prata (branco) e cinza (cinza), de onde sai uma bala na mesma cor e fumaça em prata (branco). Subposta ao avestruz aparece uma nuvem cúmulus em prata (branco), onde encontra-se a inscrição "SENTA A PÚA" em sable (preto). Acima do avestruz, visualiza-se uma explosão em prata (branco) com centro em jalne (amarelo) e laranja e estilhaços em sable (preto).

Com o passar do tempo, por ser um símbolo de comunicação imediata e alegre, destinada a unir um grupo em torno de uma imagem típica, a utilização de bolachas foi disseminada e se tornou muito popular. Elas passaram a representar também diversas unidades aéreas, esquadrões e esquadrilhas de organizações de ensino, esquadrilhas de voo, turmas de escolas de formação, manobras e exer-

Bolacha da Turma Phoenix - EPCAR 2018. Fonte: EPCAR.

Bolacha do 4º Esquadrão de Transporte Aéreo - 4º ETA. Fonte: acervo INCAER.

Bolacha do Esquadrão de Demonstração Aérea - EDA. Fonte: site EDA

Bolacha de Instrutor da Academia da Força Aérea - AFA. Fonte: site flickr.

cícios operacionais, os equipamentos operados, dentre outras.

Segunda categoria

As primeiras menções aos símbolos heráldicos nos regulamentos da FAB ocorreram em 1956, no Regulamento Interno dos Serviços da Aeronáutica (RISAER).[9] No entanto, apenas eram apresentadas diretrizes sobre a maneira correta de utilizar a Bandeira Nacional, os estandartes, as insígnias e as flâmulas. Não havia qualquer orientação a respeito da elaboração e padronização dos mesmos.

A falta de uma legislação específica, somada ao fim da Segunda Guerra, fez com que os emblemas que representavam as Organizações Militares da FAB fossem tomando novas formas, com características específicas de cada Organização. Com o passar do tempo, os novos emblemas e estandartes, utilizados como identificação institucional, passaram a ser criados, segundo os preceitos da Heráldica.

Não é possível determinar com exatidão quando esse movimento começou, pois não se sabe, ao certo, quando a maioria dos símbolos heráldicos da FAB foi criado. Isso porque, muitos deles são criações espontâneas e tradicionais, que só foram regulamentadas tempos depois da criação. Por isso, nem sempre a data da publicação da aprovação destes em boletim corresponde ao período em que os mesmos foram produzidos. Dessa forma, entende-se que a divisão em categorias, aqui proposta, foi feita a partir da observação das características dos emblemas e não pelo período de criação deles.

Apesar disso, Longuinho considerava que uma reforma na produção heráldica da FAB era necessária, pois "os aviões precisavam conduzir escudos e brasões dignos das nossas tradições". Ainda de acordo com o autor (1980, p.14),

> *a criação espontânea de artistas amadores, a falta de um órgão especializado permanente e atuante, os desenhos impróprios e, principalmente, o desconhecimento das regras básicas da Heráldica, formaram até agora a galeria dos nossos escudos e brasões.*

---

9 Decreto nº 40.043, de 27 de setembro de 1956. Aprova o Regulamento Interno dos Serviços da Aeronáutica.

Então, nesta nova etapa, foram incluídos nos emblemas das OM elementos característicos da Heráldica clássica, como por exemplo, elmos, armaduras, cruzes, entre outros. Um exemplo característico dessa mudança pode ser observado ao analisar o histórico do símbolo heráldico que representa o 1º/10° GAv, o Esquadrão Poker.

Em 1951, ainda dentro do primeiro momento de produção heráldica na FAB, foi criada a primeira bolacha utilizada pelo Esquadrão. Ela continha o Brucutu, personagem das histórias em quadrinhos que, adaptado pelos militares do esquadrão, foi redesenhado juntamente coma inscrição "Tá pra nós". Inicialmente, a cor utilizada no fundo era o azul, mas, por não gerar um contraste adequado com a pintura das aeronaves, o céu foi trocado pela cor vermelha.

Este símbolo foi utilizado até 1952, quando, devido a mudança da missão do Esquadrão, cujas aeronaves A-20K foram adaptadas para cumprir a missão de Reconhecimento Fotometeorológico, a bolacha foi alterada e passou a incluir uma câmera fotográfica nas mãos do Brucutu. Após as devidas adaptações, aquela aeronave passou a designar-se R-20K.

Antiga bolacha do 1º/10º GAv –
Fonte: Livro dos 70 anos do 1º/10º GAv.

Esses dois símbolos estavam de acordo com as características apresentadas pela heráldica da FAB, no início da década de 1950, pois eram representações livres, produzidas de maneira caricaturada, que não levava em consideração as orientações da ciência Heráldica.

Antiga bolacha do 1º/10º GAv –
Fonte: Livro dos 70 anos do 1º/10º GAv.

Em 1958, com o fim das operações da aeronave R-20K, a antiga bolacha do Esquadrão deixou de ser utilizada e foi substituída por um novo emblema. Surgiu, pela primeira vez, a figura do leão armado, figura tradicional da heráldica clássica, fazendo alusão ao brasão de armas do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, que empregou balões, pela primeira vez, em missões de observação aérea, durante a Guerra do Paraguai.

Antigo emblema do 1º/10º GAv –
Fonte: Livro dos 70 anos do 1º/10º GAv.

Em 1970, o Esquadrão passou a utilizar o novo símbolo que permanece como emblema da Unidade até os dias atuais.

Emblema do 1º/10º GAv.
Fonte: acervo INCAER.

Descrição Heráldica

Escudo francês, com o chefe diminuto em prata (branco), tendo à destra o Gládio Alado em jalne (amarelo), símbolo do Ministério da Aeronáutica e à sinistra a sigla do Grupo de Aviação a que pertence o Esquadrão, em sable (preto).

Campo em prata (branco), simbolizando a verdade e a franqueza, a tributos inerentes aos componentes da Organização.

No coração, destaca-se um leão estilizado, voltado para a destra, em goles (vermelho), armado – com as garras diferentes em sable (preto) e coroado – trazendo na cabeça uma coroa em goles (vermelho) e blau (azul ultramar). Este conjunto caracteriza a coragem e a garra com que os elementos do Esquadrão, utilizando as equipagens de Reconhecimento Tático, encaram as missões operacionais. Esta figura tradicional representa uma analogia com o brasão de armas de "Duque de Caxias" e a coragem que personificava.

Em contrachefe, aparece uma faixa em blau (azul ultramar), carregando a divisa "1/10 GpAv" em prata.

Contorna um filete em jalne (amarelo), evidenciando o comando da Organização: Oficial Superior.

Percebe-se que as alterações ocorridas no emblema do Esquadrão Poker estão alinhadas com a segunda categoria da produção de símbolos heráldicos na FAB. Pode-se observar, no último símbolo apresentado, a inclusão de elementos da heráldica clássica como, por exemplo, o leão armado e estilizado voltado para a destra com uma coroa em cima de sua cabeça.

Outros exemplos dessa categoria são os emblemas da Base Aérea de Santa Cruz (BASC) e da Academia da Força Aérea (AFA).

Emblema da BASC. Fonte: acervo INCAER.

Emblema da AFA. Fonte: acervo INCAER.

Terceira categoria

Devido à criatividade dos autores e à liberdade na criação dos símbolos, observou-se também que algumas OM optaram por inserir em seus emblemas atributos regionais dos locais onde elas se localizam. Esses emblemas, apesar de não representarem a missão da OM, também funcionam como forma de manter a identidade daquele grupo.

Um exemplo desse conjunto de emblemas é o do antigo Terceiro Comando Aéreo Regional (III COMAR)[10], localizado no Rio de Janeiro, cujo emblema contém a imagem do Morro do Pão de Açúcar, ponto turístico característico da cidade, reconhecido mundialmente.

Emblema do III COMAR.
Fonte: acervo INCAER.

10 A partir da DCA 19-5/2020, o Terceiro Comando Aéreo Regional foi remodelado, passando a denominar-se Comando Aéreo Leste.

Outro exemplo é o emblema do 1º Esquadrão do 15º Grupo de Aviação (1º/15º GAv), Esquadrão Onça, localizado em Campo Grande, que possui a representação de uma cabeça de onça, animal típico da região do pantanal mato-grossense.

Emblema do 1º/15º GAv.
Fonte: acervo INCAER.

Há também o emblema do Hospital de Aeronáutica de Manaus (HAMN), que possui a representação de uma vitória-régia, planta aquática característica da região amazônica, cujo tamanho excepcional de suas folhas, representa a grandeza territorial do Amazonas.

Emblema do HAMN.
Fonte: acervo INCAER.

A produção Heráldica na FAB

As diversas características apresentadas pelos emblemas da FAB resultavam, não só da liberdade criativa do autor, mas também da ausência de uma legislação específica que orientasse e regulamentasse a elaboração dos mesmos.

Na década de 1970, esse cenário começou a mudar. Neste período, foi ativada a Diretoria de Documentação e Histórico, responsável por promover o "estudo, planejamento, coordenação, controle e o desenvolvimento normativo das atividades de história, arquivo, museologia e cerimonial no âmbito do Ministério de Aeronáutica (MAER)."[11] Apesar dessa OM não tratar diretamente a orientação à criação dos símbolos heráldicos, percebe-se que o tratamento dado às tradições culturais na FAB começava a mudar.

A primeira tentativa de organizar a produção heráldica na FAB ocorreu em 1972, quando ficou definido, por meio de Decreto[12], que a criação ou alteração de estandartes, insígnias de comando e distintos das organizações militares da Aeronáutica seriam efetuadas apenas por ato do Ministro da Aeronáutica. Definiu-se, ainda, que as aprovações anteriores a este período seriam revogadas.

Em 1977, foi criado o Centro de Documentação e Histórico da Aeronáuti-

11 A partir do Decreto nº 67.555 de 12 de novembro de 1970.
12 Decreto nº 70.708, de 9 de junho de 1972.

ca (CENDOC)[13], que no ano seguinte, passou a ser o Órgão Central dos recém-criados Sistema de Histórico do Ministério da Aeronáutica e do Sistema de Museologia do Ministério da Aeronáutica. A finalidade desses Sistemas era "realizar a pesquisa, o registro e a narração metódica dos fatos notáveis, catalogando-os e classificando-os de modo a estabelecer e preservar a tradição e a História da Aeronáutica Brasileira"[14] e "superintender, coordenar e controlar as atividades de Museologia, no âmbito do MAER"[15], respectivamente.

Com a criação desses Sistemas e a publicação do Decreto de 1972, começou a ocorrer o maior controle do MAER sobre os símbolos heráldicos produzidos na FAB. Porém, faltava, ainda, a elaboração de uma padronização específica voltada para a produção Heráldica na FAB.

Em 1978, o CENDOC recebeu do Estado-Maior da Aeronáutica a seguinte atribuição:

> *proceder o correto enquadramento das propostas para a aprovação de estandartes, escudos, brasões e distintivos para as organizações do Ministério da Aeronáutica, a fim de que fossem corrigidas as falhas atuais e eliminadas as possibilidades do uso de símbolos heráldicos em desacordo às convenções e regras próprias. (FMA 210-1/1978)*

Para alcançar esse objetivo, foi publicada a IMA 210-1, que era bastante incipiente, reduzida e padronizava apenas os brasões, estandartes e emblemas no Ministério da Aeronáutica[16]. Assim, diversos outros símbolos permaneceram sem padronização. Porém, essa legislação já previa que as propostas de criação de tais símbolos, antes de seguirem para a aprovação do Ministro da Aeronáutica, deveriam passar pela análise do CENDOC, que deveria "assistir às diversas OM na confecção dos respectivos brasões, estandartes e emblemas." (IMA 210-1/1978)

No mesmo ano, foi publicado o FMA 210-1 "Noções de Heráldica", que buscava proporcionar, no âmbito do Ministério da Aeronáutica, alguns conhecimentos básicos referentes à Heráldica. Este material servia como orientação e consulta para todas as OM, já que elas deveriam possuir emblemas, porém não contavam com pessoal especializado neste assunto.

---

13 A partir do Decreto nº 80.965, de 7 de Dezembro de 1977. A Portaria nº 730/GC3, de 19 de setembro de 2012, alterou a denominação do CENDOC, de Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica para Centro de Documentação da Aeronáutica.
14 Portaria nº 1.508/GM3, de 5 de dezembro de 1979.
15 Portaria nº 1.510/GM3, de 5 de dezembro de 1979. Em 1982, por meio da Portaria nº 507/GM3, de 4 de maio de 1982, o Sistema de Museologia foi extinto e suas atribuições foram absorvidas pelo Sistema de Histórico do Ministério da Aeronáutica.
16 BMA 113-6 de 18 de maio de 1978.

Ao longo de, aproximadamente, trinta anos, o CENDOC foi a Organização responsável por gerenciar a produção heráldica na FAB. Nesse período, a atividade se consolidou: foram incorporados museólogos profissionais para tratar do tema e as orientações foram aprimoradas. A principal alteração observada, ao longo do tempo, foi a ampliação do conceito de símbolo heráldico na FAB. Se, inicialmente, eles eram usados para indicar a OM a qual o militar pertencia e o estandarte das Unidades, com o incremento de novas instruções, foram incluídos também os distintivos de condição especial, os símbolos comemorativos, os selos, as insígnias representativas de autoridades, dentre outros.

Em 2010, com o advento do Sistema de Patrimônio Histórico e Cultural do Comando da Aeronáutica (SISCULT)[17], os assuntos referentes à cultura na FAB foram centralizados e as atribuições de padronizar os símbolos heráldicos do Comando da Aeronáutica (COMAER) passaram a ser responsabilidade do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, órgão central do SISCULT. Em 2013, foi criada a ICA 903-1 "Símbolos Heráldicos do Comando da Aeronáutica", a primeira do novo Sistema referente ao tema.

Esta instrução trouxe novas orientações, mas manteve um aspecto fundamental: as OM continuaram tendo a liberdade para a criação de seus símbolos heráldicos, desde que os critérios estabelecidos naquela publicação fossem obedecidos.

A ciência Heráldica ou a arte dos brasões, como alguns autores preferem denominar, passou a fazer parte das manifestações simbólicas da cultura aeronáutica e, por conseguinte, os símbolos heráldicos começaram a ser preservados e valorizados como patrimônio cultural imaterial do COMAER.

Classificação

Atualmente, os símbolos heráldicos, no âmbito do COMAER, são assim classificados: emblema; distintivo de organização militar (DOM); distintivo de condição especial (DCE), distintivo de curso, logotipo, estandarte, flâmula, galhardete, insígnias representativas de autoridades e selo de Organização Militar.[18]

As bolachas, cujas características já foram apresentadas, e o símbolos comemorativos, utilizados para celebrar uma data, um evento ou qualquer outra situação especial, tais como: aniversário da OM e atividade cultural ou desportiva, por conferirem maior liberdade à confecção e não seguirem rigorosamente às leis heráldicas, não são classificados como símbolos heráldicos. No entanto, devido à tradição do uso pela FAB, merecem destaque nas legislações que abrangem o tema e, por consequência, neste trabalho.

17 Por intermédio da Portaria nº 119/GC3, de 26 de fevereiro de 2010.
18 Conforme previsto na ICA 903-1/2017.

Símbolo Comemorativo do conceito "Dimensão 22" Comando da Aeronáutica (COMAER). Fonte: acervo INCAER.

Símbolo Comemorativo dos 50 anos do Instituto de Psicologia da Aeronáutica (IPA). Fonte: acervo INCAER.

- Emblema: tem a finalidade de identificar as OM do COMAER, sendo delas privativo, e representa, simbolicamente, a respectiva missão, história e fatos marcantes. As OM que têm como missão específica o planejamento, o preparo e o emprego direto da Força Aérea, o emprego de engenhos aeroespaciais ou atribuições de operações aeroterrestres usam o escudo francês, inclusive o Estado-Maior da Aeronáutica (EMAER), em razão da sua abrangência na condução da política aeroespacial. As Organizações com funções eminentemente administrativas utilizam o escudo português.

Quando o emblema é impresso em metais ou tecido, com a finalidade de ser usado nos uniformes dos militares, denomina-se Distintivo de Organização Militar (DOM), e tem a finalidade de identificar a OM a que pertence o militar.

A cor do filete que contorna os emblemas indica o nível de Comando da OM. Por exemplo, para as OM cujo nível de Comando seja de oficial-general, o contorno utilizado é prata (branco) e aquelas que o nível de Comando seja de oficial superior ou intermediário, o contorno é feito em jalne (amarelo).

Emblema do Terceiro Serviço Regional de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos- SERIPA III. Fonte: acervo INCAER.

Emblema do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica - INCAER. Fonte: acervo INCAER.

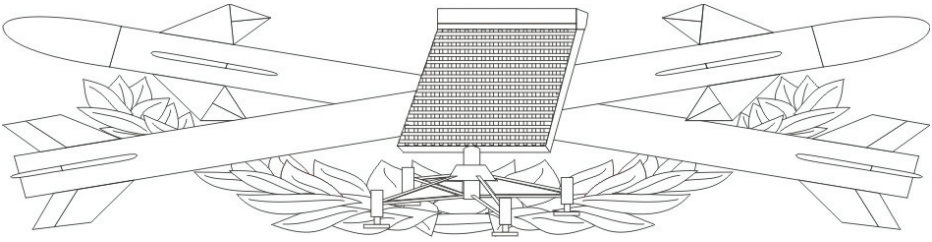
Emblema do Primeiro Grupo de Defesa Antiaérea – 1º GDAAE. Fonte: acervo INCAER.

- DCE: tem a finalidade de destacar a condição especial do militar, a qual reflete uma qualificação adquirida no desempenho de determinada atividade (não obrigatoriamente vinculada a um curso), como, por exemplo, certas qualificações inerentes às diferentes aviações ou relacionadas a operações especiais, salvamento e resgate, inspeção de voo, logística e ensino, dentre outras.

DCE de Operações de Paz da ONU
Fonte: acervo INCAER.

DCE – Instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica (EAOAR).
Fonte: acervo INCAER

- Distintivo de Curso: tem a finalidade de destacar a conclusão de um curso realizado pelo militar. Quem o recebe tem o direito de utilizá-lo durante todo o tempo restante de serviço ativo. Podem ser do tipo brevê ou escudo e representam os vários cursos de carreira de formação, pós-formação e especialização.



Distintivo de Curso de Defesa Antiaérea (CDAAE). Fonte: acervo INCAER.

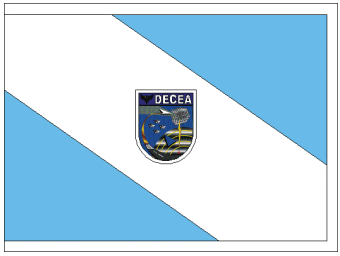
Distintivo de Curso do Centro de Catalogação da Aeronáutica (CECAT).
Fonte: acervo INCAER.

- Logotipo: tem a finalidade de representar graficamente uma OM, visando divulgar e reforçar a imagem da mesma diante do público externo ao COMAER. Pode ser constituído de letras, acrescidas de desenhos ou ornamentos.

Logotipo do Museu Aeroespacial (MUSAL).
Fonte: acervo INCAER.

- Estandarte: somente as OM o possuem, com exceção do COMAER.[19] Sua função é promover a identificação das Instituições, representando-as e enaltecendo-as nos desfiles, no recebimento de comendas e nos eventos importantes. Deve conter, obrigatoriamente, o emblema de sua respectiva OM ou, no caso do COMAER, seu brasão.

Estandarte da Secretaria de Economia e Finanças da Aeronáutica (SEFA).
Fonte: acervo INCAER.



Estandarte do Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA) -
Fonte: acervo INCAER.

19 Aprovado pela Portaria nº 592/GC3, de 6 de setembro de 1999.

- Flâmula: destina-se a solenidades e eventos internos e tem a finalidade de identificar os setores das OM.

Flâmula do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica de São José dos Campos – CPORAER-SJ.
Fonte: acervo INCAER.

- Galhardete: tem a finalidade de ornamentar a OM nas solenidades e ocasiões festivas. Suspenso em mastros, em fachadas de edificações ou em outros locais internos da Organização.

Modelo de galhardete. Fonte: ICA 903-1.

- Insígnias de autoridades: destinam-se a identificar, em todas as ocasiões, a presença do Comandante, Chefe ou Diretor em suas Organizações, bem como destacar a presença de outras autoridades, quando em visita de caráter oficial às OM do COMAER.

Insígnia do Comandante da Aeronáutica
Fonte: ICA 903-1.

Insígnia de Tenente-Brigadeiro do Ar.
Fonte: ICA 903-1.

- Selo: símbolo oficial destinado a autenticar os documentos produzidos pelas OM do COMAER.

Modelo de selo de Organização Militar.
Fonte: ICA 903-1.

Além dos símbolos apresentados, há também aqueles que são os mais representativos da FAB e, por isso, merecem destaque: o Gládio Alado, símbolo da FAB, o Cocar da Força Aérea Brasileira e o Brasão do Comando da Aeronáutica.

- Gládio Alado:

O Gládio Alado é o símbolo da Força Aérea Brasileira. Sua origem vem da criação da 5ª Arma do Exército, em 1927. Em 1931, por meio do Decreto nº 20.754, de 4 de dezembro de 1931, o símbolo foi incluído no Plano de Uniformes dos Oficiais e Praças do Exército Ativo. O distintivo deveria ser usado na "Arma de Aviação", constando de duas asas abertas, apoiadas na lâmina de um sabre, símbolo da força e alusão aos heróis que fizeram a República. Já bem parecido com o atual Gládio Alado.

Com a criação do Ministério da Aeronáutica, em 1941, o símbolo foi aprovado pelo Decreto-Lei no 3.323, de 30 de maio de 1941, que tratava sobre o Plano de Uniformes destinados ao uso dos Oficiais e Praças da Força Aérea Brasileira.

Em 1951, o símbolo da Força Aérea Brasileira teve suas dimensões e desenhos modificados, apresentando a configuração em vigor até os dias de hoje. Seu novo desenho foi elaborado pelo Professor Alberto Lima, desenhista e heraldista do Exército Brasileiro, um dos autores do emblema da antiga Escola de Aeronáutica, atual Academia da Força Aérea (AFA).

O Gládio Alado nos emblemas das Organizações Militares é obrigatório, em seus metais ouro (amarelo) ou prata (branco), uma vez que este é o símbolo da FAB. Este símbolo não pode ser sobreposto por nenhum elemento ou símbolo.

Gládio Alado. Fonte: acervo INCAER.

- Cocar:

A aviação militar mundial é codificada por símbolos. O distintivo das aeronaves militares é conhecido como Cocar. A identificação visual das aeronaves de todas as forças aéreas é feita por meio de um símbolo em cores cuja utilização vem desde os primórdios da aviação. As cores da aviação são trazidas pelos seus cocares.

Com isso, existem os mais diferentes desenhos, cores e significados, como por exemplo, a Cruz de Ferro na Força Aérea Alemã, a Cruz de Malta na Força Aérea Portuguesa, o disco azul, a estrela branca central e a barra azul, vermelha e branca adotada pela Força Aérea Americana.

O Cocar é a identificação visual de uma aeronave aplicada como forma de distinguir de qual país é a sua bandeira,

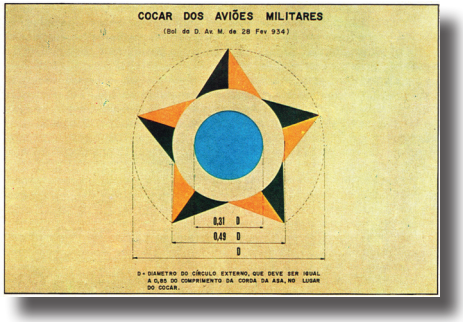
Cocar da Força Aérea Portuguesa.
Fonte: acervo INCAER.

divulgando não só as cores, bem como as tradições culturais. Sua utilização vai além de uma necessidade visual. Tem por base uma norma aprovada pela Convenção de Haia, de 18 de outubro de 1907, que fixou regras para as insígnias militares. A partir dela, ficou determinado que os navios mercantes transformados em navios de guerra deveriam usar sinais externos, ou seja,

Cocar da Força Aérea Americana.
Fonte: acervo INCAER.

distintivos, dos navios de guerra de sua nacionalidade. Essa norma é extensiva às forças aéreas que começaram a usar em suas aeronaves uma logomarca, mais tarde chamada de Cocar.

Em 1934, o Ministro da Guerra aprovou o cocar de identificação dos aviões da Aviação Militar, cuja descrição era: "uma estrela de cinco pontas, cada uma verde e amarela no sentido da maior dimensão (em dois triângulos) e, ao centro, um círculo azul, circundado por uma coroa branca." (LAVENÈRE-WANDERLEY, 1975, p. 171)



Cocar utilizado pela Aviação Militar.
Fonte: acervo INCAER.

Nesse contexto, a FAB também desenvolveu o seu Cocar. Ele foi projetado juntamente com a criação do Ministério da Aeronáutica, quando os distintivos das aeronaves do Exército e da Marinha foram abolidos e um distintivo único foi adotado, a ser posto nas asas dos aviões: uma estrela de cinco pontas, pintadas de verde e amarelo, com um círculo azul-bandeira inscrito na estrela, circundado por uma coroa branca. Esse símbolo era muito semelhante ao utilizado pela Aviação do Exército, com pequenas alterações apenas nas dimensões.

Cocar utilizado pela FAB.
Fonte: site flickr.

Cocar utilizado pela FAB.
Fonte: site flickr.

Cocar da FAB.
Fonte: acervo INCAER.

-O Brasão do Comando da Aeronáutica

O Comando da Aeronáutica possui um só brasão, que tem a finalidade de representar simbolicamente o COMAER, sendo dele privativo. O principal aspecto que diferencia o brasão do emblema é que este, no âmbito da FAB, é uma figura que se restringe à forma de escudo, enquanto aquele é uma figura composta de escudo, peças e ornamentos, no caso, a águia estendida que encima o escudo.

Este símbolo foi aprovado pela Portaria nº 593/GC3, de 6 de setembro de 1999, sendo composto por um escudo francês, contendo atributos internos e externos.

Descrição Heráldica

Brasão do COMAER.
Fonte: acervo INCAER.

Escudo francês, cuja forma homenageia o país onde o Marechal-do-Ar Alberto Santos-Dumont, Patrono da Aeronáutica Brasileira, desenvolvendo pesquisas aeronáuticas desde 1892, consagrou-se por seu feito histórico com o "mais-pesado-que-o-ar". Representa também o espírito das duas Unidades de preparo e emprego direto da Força, principalmente os grupos de aviação, esquadrões e esquadrilhas. O campo em blau (azul celeste) retrata o céu da Pátria, ambiente do piloto brasileiro.

No coração, encontra-se um escudete português, reverenciando a nossa Pátria-Mãe (Portugal), à qual devemos o nosso descobrimento. O campo em blau (azul ultramar), perfilado em prata, representa o espaço cósmico. Neste formato, o escudete retrata as Organizações do Comando da Aeronáutica com funções eminentemente administrativas, de vital importância para o seu funcionamento.

Sobreposto ao escudete, encontra-se em prata (branco), o Gládio Alado, símbolo da Força Aérea Brasileira.

Envolvendo o Gládio Alado, o Cruzeiro do Sul, também em prata (branco), constelação-primeira incrustada no Pavilhão Nacional, elo indissolúvel do Comando da Aeronáutica com os desígnios da Nação Brasileira. A constelação do Cruzeiro do Sul corresponde ao seu aspecto no céu, na cidade do Rio de Janeiro, às 8 horas e 30 minutos, do dia 15 de novembro de 1889 (doze horas siderais) e deve ser considerada como vista por um observador situado fora da esfera celeste. Contorna o escudo um filete em prata (branco), esmalte das insígnias usadas por seus Oficiais-Generais.

Encima o escudo uma águia estendida, em jalne (amarelo), ave que simboliza vitória, poder, prosperidade, domínio e liberdade. Sobrepõe-se ao contrachefe um listel, também em jalne (amarelo), com a inscrição "1941 - COMANDO DA AERONÁUTICA - 1999", em sable (preto). A primeira data indica o ano da criação do Ministério da Aeronáutica, e a segunda, o ano de sua transformação para Comando da Aeronáutica.

Presente e futuro

Atualmente, as Organizações Militares interessadas em criar ou alterar um símbolo heráldico devem elaborar um desenho em cores, um desenho em negrito, onde só apareçam as linhas que o contornam, e uma descrição heráldica dos atributos e figuras representadas no símbolo proposto.

Para auxiliar nessa tarefa, o INCAER, por meio do SISCULT, disponibiliza, em sua página oficial na *intraer*, uma nova ferramenta denominada *template*, que são arquivos de padronagem que possuem modelos editáveis dos emblemas, estandartes, flâmulas, distintivos de condição especial e distintivos de curso. Isso possibilita ao usuário confeccionar o símbolo heráldico desejado de maneira prática, dentro de padrões estipulados na ICA 903-1/2017.

Na sequência, após o encaminhamento oficial ao INCAER, são realizados os pareceres técnicos, junto à Seção de Museologia (SMUG), subordinada à Divisão de Patrimônio Cultural (DPC), que por sua vez, é ligada à Subdiretoria de Cultura do INCAER (SDCULT).

Para desempenhar esta tarefa, o INCAER conta com uma equipe de museólogos, entre civis e militares, para a emissão de pareceres. Há, ainda, graduadas desenhistas que, além de elaborarem os *templates*, também adéquam os desenhos enviados pelas OM solicitantes às orientações previstas na legislação. Tudo isso visa acelerar o processo de aprovação e a padronização dos símbolos heráldicos.

Devido à qualidade do trabalho desenvolvido e à especialização dos profissionais do INCAER, oficiais museólogos foram convidados para participar do III e IV Congresso Internacional de Heráldica Militar, realizado em Lisboa, Portugal, nos anos de 2014 e 2017. No Velho Continente, berço da ciência dos brasões, eles tiveram a oportunidade de apresentar a produção Heráldica da FAB junto aos grandes estudiosos do assunto.

Participação no IV Congresso Internacional de Heráldica Militar - 2017.
Fonte: INCAER.

Com a reestruturação organizacional da FAB[20], iniciada em 2016, diversas organizações militares foram criadas, enquanto outras tiveram sua localização e/ou missão alteradas, fazendo com que a criação ou alteração dos emblemas e estandartes fossem necessárias. São exemplos desse momento, a criação

20 Diretriz do Comando da Aeronáutica (DCA) nº 11-53/2016.

dos emblemas da Diretoria de Ensino (DIRENS) e das ALA.

Emblema da ALA 5.
Fonte: acervo INCAER.

Emblema da DIRENS.
Fonte: acervo INCAER.

Considerando que toda OM deve possuir, obrigatoriamente, o emblema e o estandarte e que qualquer alteração neles necessita de um novo parecer técnico do INCAER, essas mudanças geraram um considerável aumento da demanda de processos de heráldica. Somente entre 2016 e 2017, foram emitidos cerca de 140 pareceres técnicos de símbolos heráldicos para as OM da FAB. A maioria deles relacionado aos emblemas e estandartes, mas também de símbolos comemorativos, DCE, distintivos de curso, entre outros. Isso representa quase a metade de todos os pareceres emitidos ao longo de oito anos, entre 2012 e 2019.

Em decorrência desse trabalho constante de assessoramento na elaboração e análise para emissão de pareceres técnicos, até o presente momento, o INCAER realizou, aproximadamente, 280 pareceres técnicos para criação e modificação de símbolos heráldicos.[21]

Para dar continuidade e melhorar o desempenho do trabalho que vem sendo realizado, em 2020, entrará em funcionamento um *software* denominado e-SISCULT. Essa ferramenta informatizada facilitará o diálogo entre as Organizações Militares, promovendo uma gestão eficiente do patrimônio cultural no âmbito do COMAER.

O *software* será uma plataforma de acesso e preenchimento fáceis, que facilitará a comunicação entre o Órgão Central e os elos do SISCULT, diminuindo a burocratização dos trâmites administrativos, bem como promoverá a recuperação da informação de forma rápida e eficiente. Além disso, contará com um banco de dados com informações e documentos relativos às atividades desenvolvidas pelo SISCULT.

21 Dados fornecidos pelo INCAER.

Com essa inovação, a produção heráldica na FAB será impactada, pois todo o processo de emissão de parecer técnico de símbolos heráldicos será realizado através do e-SISCULT. O usuário fará a proposta de criação dos símbolos, que serão analisados, de acordo com os padrões da ICA, dentro da própria plataforma. Os pareceres serão emitidos na mesma ferramenta o que, certamente, agilizará os processos.

Todo o empenho empregado pelas Organizações responsáveis por salvaguardar a produção heráldica da FAB, no passado e no presente, com sementes para o futuro, tem como objetivo a preservação da nossa História, nossas tradições e memórias, estimulando a propagação de nossos valores e consolidando a imagem da FAB junto à sociedade brasileira.

Bibliografia

BLOCH, Marc. Apologia da História. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORBA. Diego Apellaniz. As cores do armorial Toison D´or como representação dos valores militares da cavalaria da Baixa Idade Média. 2017.Trabalho de Conclusão do Curso. (Especialização em História Militar) - Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, 2017.

BRASIL. Decreto nº 40.043, de 27 de setembro de 1956. Aprova o Regulamento Interno dos Serviços da Aeronáutica. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, DF, p. 18.857, 4 out. 1956. Seção 1.

_____. Decreto 67.555 de 12 de novembro de 1970. Aprova o Regulamento da Diretoria de Documentação e Histórico e dá outras providências. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, DF, p. 9.661, 13 nov. 1970. Seção 1.

_____. Decreto nº 70.708, de 9 de junho de 1972. Considera a cor azul celeste, como cor heráldica da Força Aérea Brasileira e o ouro e a prata seus metais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 5.121, 12 jun. 1972. Seção 1.

_____. Decreto nº 80.965, de 7 de Dezembro de 1977. Extingue, no Ministério da Aeronáutica, a Diretoria de Documentação e Histórico, cria o Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica e dá outras providências. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, DF, p. 16.886, 9 dez. 1977. Seção 1.

_____. Ministério da Aeronáutica. Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica. Confecção, aprovação e uso dos brasões, estandartes e emblemas do Ministério da Aeronáutica. IMA 210-1. Rio de Janeiro, 1978.

_____. Ministério da Aeronáutica. Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica. Noções de Heráldica. FMA 210-1. Rio de Janeiro, 1978.

_____. Ministério da Aeronáutica. Portaria nº 1.510/GM3, de 5 de dezembro de 1979. Institui o Sistema de Museologia do Ministério da Aeronáutica e dá outras providências. Boletim do Ministério da Aeronáutica, Brasília, DF, nº 113-12, 31 dez. 1979.

_____. Ministério da Aeronáutica. Portaria nº 1.508/GM3, de 5 de dezembro de 1979. Institui o Sistema de História do Ministério da Aeronáutica e dá outras providências. Boletim do Ministério da Aeronáutica, Brasília, DF, nº 113-12, 31 dez. 1979.

_____. Ministério da Aeronáutica. Portaria nº 507/GM3, de 4 de maio de 1982. Extingue o Sistema de Museologia e reformula o Sistema de Histórico do Ministério da Aeronáutica. Boletim do Ministério da Aeronáutica, Brasília, DF, nº 113-5, 31 mai. 1982.

_____. Comando da Aeronáutica. Portaria nº 730/GC3, de 19 de setembro de 2012. Altera a denominação do CENDOC, de Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica para Centro de Documentação da Aeronáutica. Boletim do Comando da Aeronáutica, Brasília, DF, nº 185, 26 set. 2012.

_____. Comando da Aeronáutica. Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica. Símbolos Heráldicos do Comando da Aeronáutica. ICA 903-1. Rio de Janeiro, 2017.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales. 2ed. São Paulo: Unesp, 1992.

História Geral da Aeronáutica Brasileira – Volume 3. Da criação do Ministério da Aeronáutica até o final da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: INCAER; Belo Horizonte: Vila Rica, Vila Rica editoras reunidas limitada, 1991.

LAVENÈRE-WANDERLEY, Nelson Freire. História da Força Aérea Brasileira. 2ª ed. 1975.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Unicamp, 1990.

LIMA, Rui Moreira. Nero Moura. In. Senta a Pua! Biblioteca do Exército, 1980, p. 30.

LONGUINHO, Jorge. A Heráldica da Força Aérea Brasileira. 1980. Trabalho de Conclusão do Curso de Estado-Maior (CEM) – Universidade da Força Aérea Brasileira, RJ, 1980.

NASCIMENTO, Osísris Gomes. RACHOR, Guerda. Símbolos Heráldicos da Força Aérea Brasileira. Origem e significação da heráldica. Disponível em: http://www.au.af.mil/au/afri/aspj/apjinternational/apj-p/2005/3tri05/nascimento.html. Acesso em 24/06/2019.

POLIANO, Luiz Marques. Heráldica. São Paulo: GRD, 1986.

SILVA, Ivanei. Entre cruzes e espadas: a arte heráldica de Guilherme de Almeida. Disponível em: http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/museu/texto-heraldica.pdf. Acesso: 24/06/2019.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. Princípios da Heráldica. Petrópolis: Museu Imperial/Fundação MUDES, 1983.

Livro Comemorativo dos 70 anos do 1º Esquadrão do 10º Grupo de Aviação.

40ª comemoração do dia da aviação de caça. Aerovisão, Brasília, 12. Abr 1985.

O ENCONTRO dos caçadores. Aerovisão, Brasília, 1987.

A 1º Ten QOCon HIS Amanda Martins de Brito pertence ao efetivo deste Instituto e integra a equipe do SISCULT.

ACADEMY

INSTRUTOR

A HERÁLDICA NA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Conectando o passado, o presente e o futuro da cultura aeronáutica

INCAER - Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica
Conectando o passado, o presente e o futuro da cultura aeronáutica
www.fab.mil.br/incaer